

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DOCEI – ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

JOILMA SILVA SANTOS

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BELO HORIZONTE

2015

JOILMA SILVA SANTOS

## AS RELAÇÕES GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Patrícia Barros Soares Batista

BELO HORIZONTE

2015

JOILMA SILVA SANTOS

## AS RELAÇÕES GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Patrícia Barros Soares Batista

Aprovado em 28 de novembro de 2015.

### BANCA EXAMINADORA

---

Patrícia Barros Soares Batista – Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG

---

Maria Carolina da Silva Caldeira – Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG

BELO HORIZONTE

2015

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por Sua infinita misericórdia ter me concedido mais essa vitória;

À minha orientadora Patrícia que tanto me ajudou e orientou, perdendo noites a fio corrigindo esse trabalho;

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes

Agradeço também ao meu esposo Wallace pela paciência e compreensão das ausências e que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades;

Ao professor Sandro Salles pelas infinitas ajudas;

A todos/as que de alguma forma me ajudou na elaboração desse trabalho, muito obrigada!

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral analisar as relações de gênero presentes no dia a dia das crianças de 4/5 anos inseridas num contexto de Educação Infantil por meio da observação das atividades externas à sala de aula, sobretudo, nas brincadeiras infantis. O trabalho se configura como um estudo de abordagem qualitativa que discute aspectos que dizem respeito às relações de gênero na Educação Infantil. Como percurso teórico, inicialmente realizou-se um levantamento bibliográfico, baseado na literatura que versa sobre o tema, visitando os autores como Corsaro (1995), Goobi (1997), Finco (2004) e Neves (2008) entre outros, que discutem as relações de gênero, concebendo as crianças e a(s) a infância(s) contextualizada em sua existência social, cultural e histórica. O levantamento bibliográfico proporcionou maior familiaridade com o tema. Os instrumentos metodológicos utilizados foram a observação, anotações no caderno de campo e registros fotográficos. Por entender que a divisão de gêneros não é natural e perceber como essa divisão demarca os espaços que cada gênero ocupa na sociedade, correspondendo às expectativas do que se considera do gênero masculino e do gênero feminino, este trabalho buscou contribuir para ampliar, no ambiente escolar, as discussões sobre a importância de se adotar uma perspectiva que fortaleça a construção de uma sociedade menos dicotômica entre o que se concebe como ser/fazer de mulher e como ser/fazer de homem.

**Palavras-chave:** *Relações de gênero, Educação Infantil, Brincadeiras.*

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| Introdução  | 07 |
| 1.Caracterização da escola  | 09 |
| 1.1-Characterização da turma                                      | 10 |
| 2- O percurso do estudo investigativo                             | 13 |
| 3. Educação Infantil  | 14 |
| 3.1- Concepção de Infância:a criança como protagonista            | 15 |
| 4- Questões de gênero na sociedade e no ambiente escolar          | 16 |
| 4.1- Concepções de gênero   | 18 |
| 4.2-“Borboleto?” Gênero em um episódio de formação de professoras | 19 |
| 5. As relações de gênero na Umei Pilar Olhos D’Água               | 21 |
| 5.1-Em relação às crianças  | 22 |
| 5.2-Em relação à gestão   | 23 |
| 5.3-Em relação à família.   | 26 |
| Considerações Finais  | 27 |
| Referências bibliográficas  | 30 |

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, as crianças estão inseridas em instituições de Educação Infantil onde convivem com outras crianças de mesma idade ou em idades diferentes, de mesmo sexo ou sexo diferente, com adultos que não são os da família. Essas crianças interagem entre si e com os adultos, ampliando, assim suas interações sociais, intrageracionais, inter-geracionais, homossociais e relações heterossociais (FERREIRA, 2002). O presente trabalho configura-se como um estudo sobre as relações de gênero na Educação Infantil com ênfase na observação das atividades externas à sala de aula<sup>1</sup>, de uma turma de 4/5 anos idade.

A escolha por este tema se deu a partir das diferentes experiências vivenciadas por mim na Educação Básica desde o ano de 1996, ano em que prestei concurso para o cargo de professora do Ensino Fundamental na prefeitura de Viçosa/MG, quando ainda era estudante da graduação do curso de Matemática. Neste município atuei na docência e também na gestão como vice-diretora. Minha formação inicial incide no campo da Matemática, área na qual cursei 5 anos, porém não conclui a licenciatura por motivos particulares. Em 2002 surgiu a oportunidade de cursar o Normal Superior pela Universidade Federal de Viçosa. Por meio do Projeto Veredas, fiz o vestibular, concluindo o curso de Normal Superior no ano de 2005.

Em 2009, por ocasião da transferência de meu esposo para Belo Horizonte em função do trabalho, decidi prestar concurso para o cargo de Educador Infantil na prefeitura e desde então passei a fazer parte do quadro de funcionários da rede municipal de ensino da capital mineira. Comecei trabalhando na Unidade Municipal de Educação Infantil Padre Tarcísio, no bairro Serra, regional centro-sul. Tudo muito novo e instigante, pois até então nunca havia trabalhado com essa modalidade de ensino. Fiquei nessa UMEI até dezembro de 2014. Em fevereiro de 2015 fui transferida para UMEI Pilar/Olhos D'água.

Durante esses anos de atuação na Educação Infantil vivenciei muitas experiências enriquecedoras, e, no ano de 2013 um fato passou a me instigar:

---

<sup>1</sup> Em função do pouco tempo disponibilizado para a observação, o foco se deu nas atividades externas à sala de aula em diferentes momentos: recreio, parquinho, saída, etc.

em uma turma de 4 anos, uma criança me chamava atenção pelas suas preferências e escolhas, era um garoto que, diferentemente dos demais, que sempre queriam ser o pai nas brincadeiras de “faz de conta”, ele sempre optava por ser a mãe; enquanto os outros meninos queriam ser o palhaço do circo ele queria ser a bailarina, gostava de roupas de princesas, as vezes me via diante de algumas situações relacionada ao tema relações entre gêneros masculino/feminino com as quais não sabia como lidar. Somando-se a esse aspecto instigante a proposta de uma intervenção para essa situação observada no ambiente escolar, surge, assim, a escolha pelo tema: As relações de gênero na Educação Infantil. Por meio do trabalho investigativo passei a problematizar: como que se dão essas relações de gênero entre crianças de 4/5 anos e qual o papel do professor diante dessas relações? Quais são as relações de gênero vivenciadas pelas crianças, entre si, quando estão brincando?

Este estudo tem como objetivo geral analisar quais são as relações de gênero presentes no dia a dia das crianças de 4/5 anos inseridas num contexto de Educação Infantil por meio da observação das relações de gênero presentes nas atividades externas à sala de aula, sobretudo, nas brincadeiras infantis.

Este trabalho se configura como um estudo de abordagem qualitativa que discute aspectos que dizem respeito às relações de gênero na Educação Infantil. Como percurso metodológico, inicialmente realizou-se um levantamento bibliográfico, baseado na literatura que versa sobre o tema, visitando os autores como Corsaro (1995), Goobi (1997), Finco (2004) e Neves(2008) entre outros, que discutem as relações de gênero, concebendo as crianças como atores sociais e a infância como entidade ou instituição socialmente. O levantamento bibliográfico proporcionou maior familiaridade com o tema. Os instrumentos metodológicos utilizados foram a observação, anotações no caderno de campo e registros fotográficos.

Por entender que a divisão de gêneros não é natural e perceber como essa divisão demarca os espaços que cada gênero ocupa na sociedade, correspondendo às expectativas do que se considera do gênero masculino e do gênero feminino, este trabalho busca contribuir para ampliar, no ambiente escolar, as discussões sobre a importância de se adotar uma perspectiva que



fortaleça a construção de uma sociedade menos dicotômica entre o que se concebe como ser/fazer de mulher e como ser/fazer de homem.

A estrutura desta monografia está organizada em cinco capítulos. No capítulo 1 faço uma caracterização da escola e da turma; no segundo capítulo apresento o percurso investigativo; no terceiro capítulo discuto sobre o conceito de Educação Infantil seguido da concepção contemporânea de infância, em que a criança é apresentada como protagonista social; já no capítulo 4 são apresentadas algumas questões de gênero presentes na sociedade e no ambiente escolar, bem como suas concepções, no último capítulo apresento uma discussão sobre as relações de gênero na UMEI Pilar Olhos D'Água no que diz respeito às crianças, à gestão e à família. Por fim, faço algumas considerações finais sobre o tema e o trabalho realizado.

## **1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA**

A Unidade Municipal de Educação (UMEI) Pilar Olhos D'água, foi inaugurada no dia 09 de dezembro de 2005. A escola surgiu a partir da demanda da comunidade em ter uma instituição educativa que atendesse a criança de 0-5 anos onde as mães pudessem deixar seus filhos para poder trabalhar. Concorrendo com outras obras, através de votação, os recursos do Orçamento participativo da prefeitura foram destinados à criação da Unidade Municipal de Educação Infantil - UMEI. Dessa iniciativa resultou a criação da UMEI Pilar Olhos D'Água. O nome "Pilar Olhos D'Água" tem relação com sua localização entre os bairros Pilar e Olhos D'Água.

Embora ela tenha sido planejada nos moldes das demais instituições municipais de Educação Infantil, contudo, como o pensamento inicial era de criação de uma creche, foi construída em uma área menor do que as demais UMEIS da cidade de Belo Horizonte.

A UMEI atende às comunidades dos bairros Pilar e Olhos D'Água além de vilas no entorno que surgiram a partir das invasões aos terrenos existentes. A maioria do público atendido faz parte de uma população de baixa renda que apresenta índices de violências e alta rotatividade, pois sempre há chegada e partida de moradores em função de muitas famílias virem do interior do estado de Minas Gerais ou de outras cidades próximas à região central. Apesar de ter

um núcleo industrial alimentício forte, a infraestrutura não atende as necessidades da comunidade. A UMEI Pilar Olhos D'Água está vinculada a Escola Municipal Pedro Nava, localizada também no mesmo bairro.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola o objetivo da UMEI é preparar os alunos e alunas para “enfrentarem desafios, ampliando seus horizontes para que possam atuar no presente e no futuro com sucesso, respeitando sempre sua própria individualidade e construir uma escola que venha ao encontro dos desejos e das necessidades das crianças, que realmente promova o seu desenvolvimento intelectual, emocional e social”.

Isso porque, de acordo com o referido documento, cabe à escola dar às crianças uma formação tranquila e saudável, por meio de um projeto educacional alinhado com os novos tempos. E o caminho é valorizar o que criança traz e faz por si só, é incentivá-la a perceber a si e aos outros, cuidar de seu corpo e do que lhe pertence, ousar sempre, agir com independência e segurança, saber do que é capaz e tentar superar-se sempre.

A UMEI conta com 66 cargos, sendo esses ocupados por 61 professoras, 02 auxiliares de secretarias e uma vice-diretora divididos no turno da manhã, intermediário e tarde, 5 monitoras de apoio a inclusão que acompanham a crianças que possuem necessidades especiais, 7 monitoras de apoio de sala responsáveis pelos banhos e trocas das crianças. Ela atende 315 crianças de 0-4 anos integral e parcial.

### **1.1. Caracterização da turma**

A turma observada neste estudo é composta por 16 crianças: 8 meninos e 8 meninas na faixa etária de 4/5 anos de idade. Todos eram alunos/alunas da UMEI no ano anterior. Todos moram nas proximidades da escola. Os estudantes são oriundos de famílias simples, sendo que muitos dos pais trabalham nas indústrias existentes no bairro, possuem empregos informais e algumas mães trabalham como domésticas nos condomínios fechados no entorno do bairro, no município de Nova Lima.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da instituição os alunos são filhos de mães trabalhadoras, que usam a UMEI como um lugar seguro para que as crianças permaneçam durante a sua ausência; filhos de pessoas

desempregadas e em risco social, que necessitam dos serviços básicos de cuidado; e também filhos de pessoas que acreditam na qualidade dos serviços básicos e principalmente educativos oferecidos pela instituição.

A seguir o quadro com a organização da rotina da turma.

### **ROTINA – PROFESSORA ÉDNA – TURMA 4/5 ANOS**

| HORÁRIO | SEGUNDA-FEIRA                             | TERÇA-FEIRA                                 | QUARTA-FEIRA      | QUINTA-FEIRA                                | SEXTA-FEIRA                               |
|---------|---|---|-------------------|---|---|
| 13:00   | ACOLHIDA                                  | ACOLHIDA                                    | CORPO E MOVIMENTO | ACOLHIDA                                    | ACOLHIDA                                  |
| 13:15   | AJUDANTE/ROTINA /CHAMADA/RODA/ CALENDARIO | AJUDANTE/ ROTINA/ CHAMADA/ RODA/ CALENDARIO |                   | AJUDANTE/ ROTINA/ CHAMADA/ RODA/ CALENDARIO | AJUDANTE/ROTINA/ CHAMADA/RODA/ CALENDARIO |
| 13:45   | LANCHE                                    | LANCHE                                      |                   | LANCHE                                      | LANCHE                                    |
| 14:00   | ORAL/ESCRITA                              | MATEMÁTICA                                  |                   | MATEMÁTICA                                  | NATUREZA, CULTURA E SOCIEDADE             |
| 14:30   | CORPORAL                                  | CORPO E MOVIMENTO                           | ORAL/ESCRITA      | CORPO E MOVIMENTO                           | CORPO E MOVIMENTO                         |
| 15:00   | NATUREZA, CULTURA E SOCIEDADE             |   | PARQUE            |   |   |
| 15:30   | PARQUE                                    |   | CORPORAL          |   |   |
| 16:00   | CORPO E MOVIMENTO                         | PLÁSTICA                                    | DIGITAL           | MÚSICA                                      | JANTAR                                    |
| 16:30   | JANTAR                                    | JANTAR                                      | JANTAR            | JANTAR                                      | CORPORAL                                  |

|       |           |           |           |           |           |
|-------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| 17:00 | ESCOVAÇÃO | ESCOVAÇÃO | ESCOVAÇÃO | ESCOVAÇÃO | ESCOVAÇÃO |
| 17:20 | SAÍDA     | SAÍDA     | SAÍDA     | SAÍDA     | SAÍDA     |

A tabela a seguir é complemento da anterior, especifica as atividades realizadas em cada uma das linguagens trabalhadas diariamente são elas: linguagem oral/escrita, matemática, linguagem corporal, natureza cultura e sociedade,plástica visual, digital e musical.

| HORÁRIO | SEGUNDA  | TERÇA   | QUARTA   | QUINTA   | SEXTA   |
|---------|--|---|--|--|---|
| 13:00   |  |   | Corpo& Movimento   |  |   |
| 13:15   |  |   |  |  |   |
| 13:45   |  |   |  |  |   |
| 14:00   | ORAL/ESCRITA.-<br>CORREÇÃO PARA<br>CASA –<br>LEITURA/RECONTO/<br>PARLENDAS/TRAVA<br>LINGUAS/<br>DRAMATIZACOES/<br>CRITICA<br>LITERARIA(O QUE<br>ACHOU DO LIVRO). | MATEMÁTICA-<br>JOGO DA<br>ARVORE DE<br>PERA<br>/SERIAÇÃO/ORD<br>ENAÇÃO/<br>SIMETRIA/<br>QUANTIDADE<br>(AGUA FRASCOS<br>DIFERENTES)                              |  | MATEMÁTICA-<br>JOGOS DE<br>MONTAR/<br>ENCAIXE/<br>MEDIDAS/<br>TAMANHOS/<br>ATIVIDADES<br>NUMEROS/<br>ESCRITA NO<br>QUADRO/<br>RECONHECER<br>NUMEROS DE 0<br>AO 20. | NATUREZA<br>CULTURA E<br>SOCIEDADE- DIA<br>DO BRINQUEDO<br>SOCIALIZAÇÃO/<br>VISITA A<br>OUTRAS SALAS/<br>FAMILIA DO<br>OUTRO/FOTOS<br>DOS COLEGAS/<br>DESENHO DOS<br>COLEGAS E<br>FAMILIARES<br>/ESCRITA NOME<br>FAMILIARES |
| 14:30   | CORPORAL<br>ENFIAGEM/<br>ALINHAVO/<br>DIREÇÕES<br>IMITAR/MACACO<br>DISSE/ MASSINHA   | Corpo &<br>Movimento  | ORAL/ESCRITA –<br>CORREÇÃO PARA<br>CASA;PARLENDAS<br>/<br>EMBALAGENS,<br>,ROTULOS<br>RECONTO/POESIA<br>S/LETRAS MOVEIS/<br>ESCRITA LIVRE | Corpo &<br>Movimento   | Corpo &<br>Movimento  |
| 15:00   | NATUREZA<br>CULTURA E<br>SOCIEDADE.- SALA<br>LÚDICA /FAZ DE<br>CONTA   |   |  |  |   |
| 15:30   | PARQUE   |   | CORPORAL-<br>RECORTE/<br>MOTORA<br>FINA/SILABAS<br>FRENTE AO<br>ESPELHO/<br>DRAMATIZAÇÕES  |  |   |
| 16:00   | Corpo & Movimento  | PLÁSTICA<br>VISUAL –<br>COLAGEM<br>DIVERSOS MAT./<br>PINTURAS/<br>MASSINHA/<br>ARGILA/<br>COLAGEM<br>TRIDIMENSIONL/<br>LIXA E GIZ/VIDA<br>E OBRA DE<br>ARTISTAS | DIGITAL- FILMES –<br>COR DA CULTURA/<br>TABLET E<br>COMPUTADOR –<br>JOGOS DE<br>ESCRITA E<br>MATEM. FOTOS E<br>FILMES                    | MUSICAL-<br>MUSICAS/<br>INSTRUMENTOS<br>MUSICAIS/ SONS<br>DIVERSOS/<br>RELAXAMENTO   |   |
| 16:30   |  |   |  |  | CORPORAL- DIA<br>DO BRINQUEDO/  |

|  |  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|--|
|  |  |  |  |  | MASSINHA/<br>ENCAIXE/JOGOS<br>DIVERSOS/MIMIC<br>A/DANÇA. |
|--|--|--|--|--|--|

Conforme se pode notar nos quadro apresentados, oficialmente, o tempo destinado para o brincar não é tão extenso, considerando o brincar como um componente curricular essencial na Educação Infantil: a segunda-feira as crianças têm de 15h até 16h30 para brincarem, na terça têm de 14h30 até às 16h, na quarta-feira de 13h30 às 14h30, na quinta –feira de 14h30 às 16h e na sexta-feira 14h30 às 16h e de 16h30 às 17h20.

## 2. O PERCURSO DO ESTUDO INVESTIGATIVO

Para melhor compreender as relações de gênero na turma, foram realizadas observações em diferentes momentos de atividades externas à sala de aula. Assim sendo, as brincadeiras acabaram por compor a maior parte dos episódios observados. As observações foram feitas nos meses de maio, junho e meados de julho na turma de 3/4 anos (turma inicialmente escolhida para compor o estudo). Contudo, dada a necessidade de reorganização da escola em função de horário, nos meses de agosto e setembro as observações foram feitas na turma de 4/5 anos, turma na qual passei a observar desde então.

O percurso da pesquisa foi norteado com o objetivo de registrar, problematizar e interpretar, a partir da observação das ações das crianças, em diferentes momentos, as relações de gênero na turma de 4/5 anos na UMEI Pilar/olhos D'água. Nos momentos destinados a observação, busquei focar atenção na maneira como as crianças se relacionavam entre si, buscando entender como se dá a construção social do que é considerado ser mulher ou homem nos dias atuais. Afinal quais são as relações de gênero presentes no dia a dia das crianças de 4/5 anos inseridas num contexto de Educação Infantil? Como as crianças percebem as relações de gênero?

Para atingir os objetivos propostos os registros foram analisados à luz das leituras de livros e textos de teóricos como Corsaro (1995), Goobi (1997) e Finco (2004), os quais possibilitaram a construção desta monografia, que aponta o quanto os espaços da Educação Infantil ainda estão impregnados das desigualdades de gênero que têm perpassado gerações e por isso, ainda se

encontram engendrados nas ações do cotidiano escolar. Por meio deste trabalho foi possível perceber que a construção dos papéis de homem e mulher não é naturalizada pelas crianças, mas sim, socialmente construídos, por meio do reforço de adultos da família e até mesmo da escola sobre a representação do ser menino e menina.

As observações foram registradas em caderno de campo. Os episódios relacionados ao tema investigado eram anotados e em alguns momentos registravam-se tais observações por meio de fotografias. Os registros mais significativos para a pesquisa eram transcritos com mais detalhes pela pesquisadora, seguidos das impressões do dia observado, quando assim julgasse necessário. Segundo Vianna (2007) esses registros busca sistematizar os acontecimentos de maneira que os mesmos não se percam diante dos olhos do pesquisador.

### **3. EDUCAÇÃO INFANTIL**

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

O período de 0 a 5 anos é importante na formação do indivíduo. É quando ele constrói os principais instrumentos interiores de que se servirá primeiro de modo inconsciente e depois com progressiva consciência, para se relacionar com a chamada realidade exterior. O tempo todo, a criança age, descobrindo, inventando, resistindo, perguntando, retrucando, refazendo, socializando-se. Nesse processo de formação, a educação infantil deve proporcionar um conjunto de meios, materiais e oportunidades para que a criança se desenvolva.

Na Educação Infantil, trabalhamos para que a criança se sinta autoconfiante e segura no ambiente escolar e em seu relacionamento com os

educadores. Oferecemos a ela condições para que realmente seja criança, ativa e questionadora, sem impor limites a sua curiosidade. É, pouco a pouco, no contato com outras crianças da mesma faixa etária, ela vai construindo valores e aprendendo a respeitar os sentimentos, ideias, atitudes e direitos dos outros.

### **3.1. Concepção de Infância: a criança como protagonista.**

A ideia de infância surgiu na modernidade dentro de um contexto histórico e social, onde os avanços da ciência e tecnologia e as mudanças sociais e econômicas reduziram os índices de mortalidade infantil. Para Ariès (2006), essa concepção surgiu nas classes médias e foi marcada por duas maneiras de ver as crianças, pela oposição entre moralizar (treinar, conduzir, controlar a criança) e paparicar (achá-la engraçadinha, ingênua, pura, querer mantê-la como criança). As ideias de Charlot (apud Kramer, 2007) ajudaram a compreender o significado ideológico da criança e a infância de maneira histórica, ideológica e cultural. A antropologia também ajudou a conhecer as diferentes populações infantis, as práticas de cultura entre crianças e com adultos, bem como as brincadeiras, músicas, atividades, valores, histórias. Segundo Kramer (2007):

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. (...) Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância. (KRAMER, 2007, p.15).

A autora ressalta que atualmente vivemos uma grande dicotomia: por um lado, temos um grande e complexo conhecimento teórico sobre a infância, mas, por outro, temos dificuldades para lidar com populações infantis.

Tanto a concepção de criança como a concepção de infância são produtos da cultura e da história, todas são crianças, porém, podemos encontrar nos diversos contextos sociais várias formas de infância.

Ainda de acordo com Kramer (2007):

Numa sociedade desigual, as crianças desempenham, nos diversos contextos, papéis diferentes. A ideia de infância moderna foi universalizada com base em um padrão de crianças das classes médias, a partir de critérios de idade e de dependência do adulto, característicos de sua inserção no interior dessas classes. No entanto, é preciso considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos: no Brasil, as nações indígenas, suas línguas e seus costumes; a escravidão das populações negras; a opressão e a pobreza de expressiva parte da população; o colonialismo e o imperialismo que deixaram marcas diferenciadas no processo de socialização de crianças e adultos (KRAMER, 2007, p.15).

Acredito numa concepção de criança contextualizada em sua existência social, cultural e histórica, participante da sociedade e da cultura de seu tempo e espaço, modificando e sendo modificada por ela. Um “sujeito de direitos” com direito à voz, que seja capaz de recriar e resignificar sua história individual e social, capaz de produzir múltiplas relações e manifestações nas diferentes linguagens e de diferentes modos, criando e reproduzindo novas brincadeiras com novos significados.

#### **4. QUESTÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE E NO AMBIENTE ESCOLAR**

Diversos agentes de socialização estão constantemente nos ensinando formas de ser homem e de ser mulher. Em razão dessas classificações feitas pelos discursos hegemônicos, muitas vezes passamos a acreditar que existe uma única forma de ser menino uma única forma de ser menina, e tudo o que foge desses parâmetros é enquadrado como anormal, problemático ou patológico (Louro, 2007). Diferentes agentes de socialização como: a família, a escola, os meios de comunicação e os grupos pares acabam reproduzindo e, conseqüentemente, reforçando os atributos ideológicos de posições de sujeito feminino e masculino.



É importante salientar que historicamente a educação infantil é protagonizada por professoras, contudo, segundo Finco (2003, p.56) “não é só por que há mulheres que a profissão é feminina”. O fato de delegar a prática educativa na infância às mulheres tem origem na construção sócio-cultural de que cuidado e educação das crianças são habilidades femininas. A autora completa dizendo:

Neste sentido, não há um “saber natural” das professoras para educarem as crianças na creche, por que todo conhecimento mobilizado foi aprendido socialmente. Há que se considerar que, historicamente, as bonecas são brinquedos oferecidos principalmente, as meninas, e ainda persiste a valorização distinta do feminino e do masculino, por que as meninas é que são consideradas a atribuir sentimentos às bonecas e às pessoas (FINCO 2003, p.56).

A criança é um ser social e seu desenvolvimento depende do contexto sócio histórico em que está inserido. A escola é um dos locais em que as crianças vivem relações diversas, demonstrando questões recorrentes quanto à formação do sujeito e seu lugar na sociedade. Talvez uma das mais marcantes, do ponto de vista das relações entre os seres humanos, seja a questão de gênero. Assim, a escola é um dos primeiros lugares em que a criança se depara com as diferenças, inclusive as de gênero. Meninos e meninas disputam/dividem espaços, reproduzem/superam valores, entram em conflitos. Como observa Louro (1997), a escola é um dos lugares onde se delimita espaços, serve-se de símbolos e códigos, afirma o que cada um pode, ou não fazer. Dessa maneira, ao mesmo tempo, ela agrega, separa e institui normas, valores e crenças.

Além disso,

[...] através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles(as) que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos(as) a sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos [...]. (LOURO, 1997, p.58).

Dessa forma, podemos pensar como a escola pode contribuir na construção dos gêneros e das diferenças quando esta institui gestos, condutas e posturas apropriadas a cada um/uma. Através de um longo aprendizado cada um vai sendo colocado em seu lugar: menino/menina; aluno/aluna; professor/professora, entre outras tantas posições de sujeito.

#### **4.1. Concepções de gênero**

Quando se busca entender a dinâmica de gênero entre crianças no Brasil, percebe-se que não se tem muito desses estudos o que acarreta a forte dependência das pesquisas estrangeiras (Finco, 2007). Desse modo, se faz necessário discutir as teorias de gênero entre as crianças e entre adultos e crianças para a construção de práticas educativas atentas às diferenças e que combata a desigualdade.

Segundo Scott (1995), gênero pode ser entendido como a “organização social da diferença sexual”. Gênero, para Scott, é uma peça constitutiva das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que é uma forma de decodificar o significado e de compreender as complexas formas de interação humana. É a construção social que cada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. Sendo assim, defende-se aqui uma educação que ajude a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas. Nessa perspectiva, Gênero, é um conceito relevante, útil e apropriado para as questões sobre a educação da infância (Finco, 2007). Segundo Louro (1997) devemos entender o gênero como parte da identidade dos sujeitos, ou melhor, identidades, pois assumimos diferentes posições identitárias e subjetivas conforme as relações que estabelecemos e o contexto sócio-cultural em que estamos inseridos.

Louro (19978) afirma ainda que:

[...] O gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite que as

diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros [...] ( LOURO 1997, p.25).

Isso nos leva a compreender que as relações de gênero interferem diretamente na constituição da identidade e vice-versa. Para Louro (1997), essa ideia nos permite deduzir que a identidade não é determinada por nosso núcleo biológico, mas que são comportamentos construídos socialmente que nos direcionam e que nos fazem entender o que é ser homem e o que e ser mulher.

#### **4.2. “Borboleto?”: Gênero em um episódio de formação de professoras**

Ainda que o foco do estudo não seja as docentes, julgo pertinente apresentar ao leitor um episódio ocorrido durante uma das aulas do Curso de Especialização, em uma das oficinas oferecidas tematizou o tema gênero.

Na ocasião, foi notável que muitas professoras apresentavam um discurso pouco problematizador no que diz respeito às práticas relacionadas aos conceitos de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Uma das professoras chegou a afirmar, inclusive, que se na escola de seu filho a professora o vestisse de borboleta sem sua autorização ela não iria aceitar e antes da professora vestir teria que pedir a sua autorização diante de tal situação, o professor convidado chegou a questionar o grupo de professoras se havia “borboleto?”

Percebe-se aqui, assim como Neves (2008) percebeu em sua pesquisa, que os discursos produzidos pelas educadoras, com as “verdades” que instauram, não apontam todos na mesma direção: são ambíguos e contraditórios. Portanto, se por um lado, no ambiente escolar, se afirmam possibilidades diferentes para o feminino e o masculino em relação a brincadeiras e brinquedos disponibilizados para as crianças, por outro, como o episódio relatado acima, a fala da educadora durante a oficina reafirma o que seria socialmente esperado de homens e mulheres: homens não são frágeis, logo meninos não podem se vestir de “borboletas”.

Pelo evento relatado e pelas vivências na Educação Infantil, acredito que falar em relações de tensão e poder que se estabelecem entre os sujeitos é pertinente, pois traz para o debate as diferentes maneiras como essas tensões são enfrentadas por meninas e meninos no cotidiano institucional.

Após a compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais, culturalmente se cria na sociedade, ideias e valores sobre o que é ser homem ou mulher. Esta diferenciação se denomina representações de gênero. Desse modo, as questões de gênero encontram-se diretamente relacionada à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões fixos daquilo que é “próprio” para o feminino bem como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano, originando condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual. Isso significa que as questões de gênero têm ligação direta com a disposição social de valores, desejos e comportamentos no que tange à sexualidade.

Por isso, é necessário perceber como são formadas e legitimadas as diferenças de gênero, fazendo com que alunos(as) se identifiquem ou diferenciem-se de acordo com as características socialmente valorizadas e/ou determinadas, ressaltando o papel e o compromisso da escola para a desmistificação das diferenças e preconceitos em relação ao sexo.

Louro (2001) afirma que, para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, é importante observar não exatamente seus sexos, e sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos e nesse sentido, gênero, então, será um conceito fundamental para o entendimento dessas construções.

Gênero por se distinguir de sexo irá se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas, representadas e trazidas para a prática social, tornando parte do processo histórico. A própria construção do conceito de gênero não constitui um fato por si só, mas se configura como uma categoria surgida a partir de um contexto de lutas.

Hoje é possível tomar conhecimento do sexo dos bebês antes do nascimento, a partir daí as roupas começam a ser escolhidas de acordo com o sexo, assim que nascem começam a ser ensinado o que é adequado no comportamento de cada gênero e, muitas vezes o que se vê é o fortalecimento

do discurso sexista ensinando que meninos não podem chorar, têm que brincar de carrinho e jamais usar nada rosa e que as meninas, por sua vez, precisam se comportar bem, sentar de pernas fechadas, etc. É necessário aos educadores e educadoras perceberem e mostrarem a nossas crianças que há novas formas de organização que possibilitam a construção de outras relações entre homens e mulheres.

## **5 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA UMEI PILAR OLHOS D'ÁGUA**

Para Faria (2006), é no ambiente escolar que vivemos as mais distintas relações de poder: gênero, classe, idade, étnicas. De tal forma é pertinente estudar as relações no contexto educativo da creche e pré-escolas onde confrontam-se adultos – entre eles, professor/a, diretor/a, cozinheiro/a, guarda, pai, mãe, etc.; confrontam-se crianças, entre elas: menino, menina, mais velha, mais nova, negra, branca, com necessidades educacionais especiais, pobre, rica, etc.; e confrontam-se adultos e crianças – a professora e as meninas, a professora e os meninos, o professor (percentual bastante baixo, mas existente e com tendência a lento crescimento) e os meninos, o professor e as meninas.

A partir das observações desse contexto em que as relações de gênero emergem com vigor seguirão as descrições e análises de alguns episódios organizados segundo três categorias de análise, tendo como foco primeiramente as crianças- cuja ênfase se dá nas brincadeiras e no modo como meninos e meninas agiam nesses momentos; em relação à gestão tomando por base um episódio relacionado à teoria de gênero; e, por fim, em relação à família que, muitas vezes, reforça a posição de sujeito sócio-culturalmente atribuídos a meninos e meninas.

As crianças nem sempre são reprodutoras passivas e, por vezes, transgridem as regras disciplinadoras, inventam novas regras para os usos do corpo, ressignificam as relações de gênero, como veremos nas descrições a seguir.

### **5.1 Em relação às crianças**

Observar as brincadeiras das crianças e a forma como se relacionavam entre si, me possibilitou perceber que a construção social do que é ser mulher ou homem ocorre de maneira gradativa e sistemática no decorrer dos anos, na maneira como educamos as crianças e como são construídas as relações de gênero. Os profissionais que atuam nas instituições contribuem muitas vezes, de maneira inconsciente, na reprodução de hierarquias e preconceitos entre meninas e meninos, influenciando na constituição de suas identidades.

Durante as observações, na maioria das vezes, presenciei momentos em que meninos brincavam com carrinhos e meninas de “casinha” e “fazer comidinha”, mas presenciei também momentos que esses papéis foram invertidos. Nessa brincadeira pude perceber uma inversão nos papéis pré-estabelecidos para meninos e meninas em nossa sociedade. Isto é, as crianças em suas brincadeiras “criam” maneiras novas de ser e de se relacionar. Nessa perspectiva Finco (2010) se refere às crianças como “transgressoras das fronteiras de gênero” e destaca que as crianças nem sempre vão responder positivamente às expectativas ou aos interesses dos adultos e que em suas brincadeiras irão criar novas formas de representar a realidade.

Pude observar meninos e meninas assistindo juntos um desenho do personagem Ben 10. A ideia que a mídia propaga a respeito desse personagem é direcionada ao público masculino, porém mais uma vez presenciei uma “transgressão” das crianças sobre aquilo que é pré-determinado e “naturalizado” como sendo feminino ou masculino. Uma vez que as meninas assistem e adoram o referido desenho.

Em pelo menos quatro observações na sala de fantasias pude ver meninas vestidas com roupas dos personagens infantis que, culturalmente são associados ao universo masculino tais como Super-Homem e Batman e noutro dia uma menina foi o príncipe na brincadeira da “Linda Rosa Juvenil”. Diante de tais fatos, pude pensar através da perspectiva da corporeidade, pois, as crianças estavam “brincando com seus corpos” ao vestirem roupas de personagens infantis considerados como masculinos. Mas presenciei também um menino que queria se vestir de princesa, mas as outras crianças

“debocharam” dele dizendo: “Parece uma mulherzinha”. Depois desse episódio, o vi colocando o vestido de princesa rapidamente, enquanto os colegas não estavam vendo e se olhando rapidamente no espelho e tirando posteriormente.

Essas situações mostram como as crianças se interessam e estão engajadas nas brincadeiras onde, de alguma forma, há uma mudança no corpo, seja colocar adereços, fantasias ou pintar o próprio rosto. Sayão (2008) argumenta que “é através de brincadeiras, de diversas linguagens, de seus sentimentos, de suas expressões, de gestos, de movimentos que empreendem com seus corpos em diferentes espaços, que eles/as vão dando sentido à infância” (SAYÃO, 2008, p.94).

Essas observações realizadas com crianças de quatro a cinco anos no contexto da Educação Infantil nos mostram que as crianças pequenas, tal como assinala Moreno (1999) ainda não possuem o sexismo, este ainda não está disseminado ou impregnado em suas brincadeiras ou expressões; meninas e meninos ainda não foram totalmente “contaminados” pela cultura androcêntrica<sup>2</sup>.

Ainda segundo a mesma autora as representações relativas à cultura androcêntrica se tornam mais evidentes à medida que as crianças permanecem na escola. Ainda que saiba da importância e influência dessa instituição na formação da criança, essa responsabilidade não pode ser imputada apenas à escola uma vez que a mesma está imersa num contexto social e cultural.

## **5.2- Em relação à gestão**

Quando começou a discussão sobre gênero no Município de Belo Horizonte, várias foram as discussões no ambiente das UMEIs. Muitas famílias questionaram as crianças do sexo masculino usando o mesmo banheiro das crianças do sexo feminino. A orientação da PBH era que as crianças do sexo masculino usassem o banheiro destinado para elas e as do sexo feminino usassem o destinado para as mesmas.

---

<sup>2</sup> A tendência quase universal de se reduzir a raça humana ao termo "o homem"

Depois da reunião, onde se tratou do uso dos banheiros pela crianças, a diretora da escola em que atuo afixou cartazes pela escola (ver figura 1) orientando as professoras sobre o uso “adequado” dos banheiros, reforçando, para tanto, a demarcação dos cartazes por meio da colocação de vários adereços ditos masculinos, como robôs e bonecos nos banheiros dos meninos e elementos como flor rosa, borboletinha, gatinha e boneca no banheiro das meninas. Nessa ação a intenção é nitidamente voltada para facilitar a identificação dos espaços pelas crianças. Pois, é consenso que as próprias crianças já trazem tais elementos internalizados “naturalmente”.

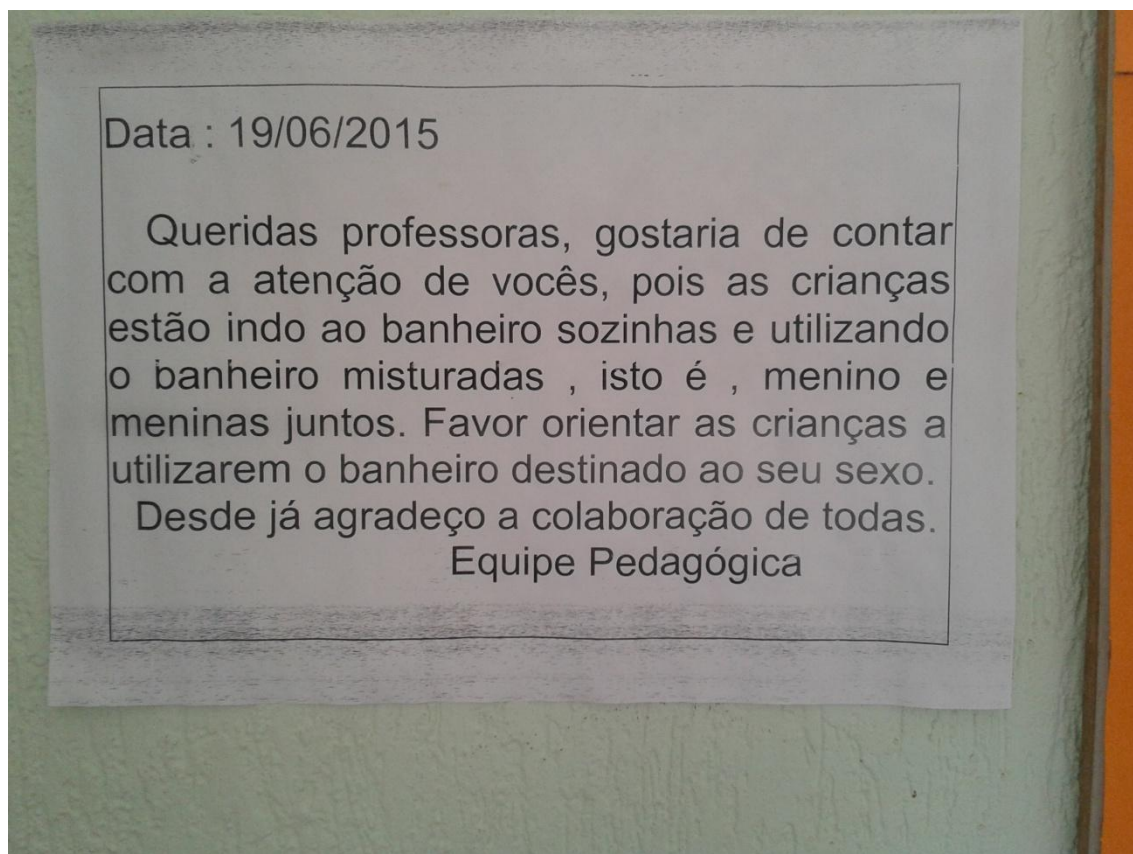


Foto 1- Bilhete afixado na sala dos professore





Foto 2- Banheiro masculino demarcado por personagens midiáticos tipicamente masculinos



Foto 3- Banheiro feminino com personagens “delicadas” e elementos cor-de-rosa

Segundo Louro(1997) a escola deve incentivar o desenvolvimento do pensamento crítico a partir do entendimento a respeito das diferenças corporais e sexuais que se cria na sociedade culturalmente, ela tem um papel fundamental na desmistificação destas diferenças, além de ser um instrumento imprescindível na formação de valores e atitudes, que possibilitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero como destaca Louro (1997):

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. (Louro, 1997, p. 57)

Os interesses e formas de comportamento para cada sexo são estimulados no ambiente escolar. É importante perceber como estão sendo formados e legitimados, pois o processo educativo visa a desmistificação das diferenças a respeito do gênero.

### ***5.3 Em relação à família.***

A família impõe às crianças costumes e hábitos construídos culturalmente. Deaux e Lafrance (1998) enfatizam que tanto as oposições como as correlações negativas entre o feminismo e o masculino são aprendidas por meio dos estereótipos de gênero vigentes em uma determinada cultura.

A família é um agente socializador, os valores sociais são apreendidos, mantidos e reproduzidos. É nela que as relações de gênero irá se desenvolver através dos processos de socialização. Assim a família assume um lugar na interação afetiva, onde as práticas de expressão afetiva acontecem no relacionamento entre pais e filhos e entre os cônjuges.

Também ocorre na família as representações do masculino, do feminino, as diferenciações de posição de sujeitos que constituem o núcleo ativo da construção da identidade de gênero que nomeia para o sujeito seus desejos e escolhas sexuais e o significado que um indivíduo associa como sendo masculino ou feminino.

Durante as observações pude registrar algumas falas das famílias que demarcam nitidamente a posição de sujeito de meninos e meninas:

*Mãe do João*<sup>3</sup> (Chegando para buscá-lo, encontra o filho brincando de boneca):

— “Que feio! Você brincando de boneca!”

*Mãe do Pedro (que também brincava de boneca):* -“Oh! Todos brincam de boneca!”

*Mãe da Catarina (uma menina que estava brincando com a espada):*

— “Princesas não brincam com espadas, só meninos!”.

Pode-se supor, por meio dessas falas, que as relações de gênero estão sendo apropriadas pelas crianças com certa linearidade: menina brinca de boneca e menino brinca de carrinho, como se isso fosse naturalmente intrínseco a meninos e meninas. Portanto, as categorizações dos brinquedos por gênero não passam despercebidas pelas crianças, uma vez que fazem parte da cultura na qual estão inseridas, sendo apropriadas pelas crianças em suas interações. Porém, apreende-se também que isso ocorre não sem transgressões de um modelo ainda hegemônico socialmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que seja possível repensar as separações e diferenças em relações de gênero implica, essencialmente, “um olhar mais atento para as diferenças e inúmeras possibilidades para a construção da identidade dos sujeitos, que se constituem com base no feminino e no masculino” (NEVES, 2008, p.162).

---

<sup>3</sup> Todos os nomes apresentados aqui são fictícios.

Tal como a autora assinala, acredito que isso implica também em uma possível abertura para que a diversidade seja produzida em um contexto de igualdade onde “meninas e meninos se relacionem em um contexto de igualdade de oportunidades, direitos e sensibilidades, em que as diferenças sejam colocadas em diálogo, não apenas reprimidas ou ignoradas” (NEVES, 2008, p.162).

Assim, é necessário conhecer como os significados masculinos e femininos, presentes em nossa sociedade, interferem ou não nas concepções de professoras e professores e na relação que devem manter com alunos e alunas.

O papel do (a) docente é fundamental no processo de construção do conhecimento, ao atuar como alguém a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o(a) professor(a) deve ter discernimento para não repassar seus valores, suas crenças e suas opiniões como sendo verdades absolutas ou princípios a serem seguidos. Nesse sentido, Nunes e Silva (2000) dizem que o (a) docente precisa constantemente “[...]fazer a crítica dos papéis tradicionais e de suas convicções ideológicas” (NUNES e SILVA, 2000, p.16).

Desse modo, a atuação do (a) docente diante da questão de gênero é ressaltada nos PCNs, quando destaca que “[...] muitas vezes o professor é chamado a intervir nesses conflitos ao mesmo tempo em que pode propor situações de trabalho em conjunto como estratégia de facilitação das relações entre meninos e meninas” (BRASIL, 1998, p.122).

Neste ponto, Guacira Louro (1997) sugere que o (a) educador (a) invente novas formas de dividir grupos, promova debates sobre representações encontradas nos livros didáticos, revistas, filmes etc. recriando os textos numa perspectiva não-sexista. Enfatizamos que as medidas propostas pela autora são essenciais, porém lembramos que:

[...] transformar as relações de gênero é algo que vai muito além do que juntar meninos e meninas nos trabalhos escolares ou dar o mesmo presente a meninos e meninas no dia das crianças. Não é

uma mudança apenas racional, pois mexe com as emoções, com relações investidas de afeto, além de incidir nas estruturas institucionais. (ALBERNAZ & LONGHI, 2009 p.89)

Percebo que, a escola é demarcada por relações sociais de gênero. Dessa forma, professoras e professores devem refletir sobre suas práticas no que diz respeito ao tratamento de alunos e alunas, pelo fato de nossa vida ser marcada de processos históricos, culturais de produção dos diferentes significados masculinos e femininos que fundamentam nossas relações sociais refletindo-se nas relações estabelecidas dentro da escola e da sala de aula (VIANNA, 1997).

Foi possível observar que no espaço social em que vivemos, o conceito de ser feminino ou masculino são historicamente construídos, no qual envolvem tradições, valores, e regras específicas de cada sociedade. Entende-se que a escola é um reflexo de nossa sociedade, que é profundamente marcada pelo machismo, pelo preconceito e controle sobre as identidades de gênero e pelos estereótipos sexuais. Em relação a isto concordo com Guacira Louro (1997) ao pontuar que a escola não é apenas um espaço para a transmissão de conhecimentos possuindo também a responsabilidade de fabricar sujeitos no sentido de colaborar com construção de identidades étnicas, de classe e/ou de gênero, presume-se então que a escola não somente reproduz modelos sociais, mas também os produz contribuindo para a manutenção da sociedade tal qual a que vivemos hoje.

Esse trabalho foi para mim um desafio, mas também um grande aprendizado, várias foram as dificuldades, mas superada essa fase ficou a sensação de dever cumprido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Lady Selma; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na Educação**: interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 75-95.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2ª ed., 2006.

ASSIS, Valesca. **Todos os Meses**. Porto Alegre: AGE, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. 36 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC, SEB, 1998.

CORSARO, Willian A. **A reprodução interpretativa do brincar ao "Faz de conta" das crianças**. In: Educação, sociedade & cultura. Porto n.17; p. 113-134.

FINCO, Daniela. **Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças**: Análises das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. 2010. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-135714/> Acesso em: 01 de Setembro de 2015.

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninas e meninos na Ed. Infantil**. Dissertação ( Mestrado em educação ). Faculdade de Educação. Unicamp, 2004, 158 p.Campinas.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação**: Universidade de Campinas, Campinas, v.14, n.3 (42), p.109-101, set./dez. 2003.

GOOBI, Márcia Aparecida. **Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e Educação infantil**. Dissertação (Mestrado em educação ). Faculdade de Educação. Unicamp, 1997, 145p.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do

Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista**, 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997, 159p.

MORENO, Montserrat (Coord.). Tradução: Ana Venite Fuzatto. **Como se Ensina a Ser Menina: O Sexismo na Escola**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual, de Campinas, 1999

NAROTZKY, Susana. **Mujer, Mujeres, Genero : una aproximación crítica al estudio de las mujeres en las Ciencias Sociales**. Madrid: CSIC, 1995

SALVA, Sueli. **Narrativas da Vivência Juvenil Feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre**. UFRGS, 2008, 395f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação.

NEVES, Vanessa Ferraz A. **Gênero, sexualidade e Educação Infantil: conversando com mulheres, meninas e meninos**. In: Revista Paidéia. USP, 2008. P. 147-168.

SANTOS, Sandro Vinícius S. " **Eu falei que ele não sabia brincar**" **Relações de gênero nas interações de pares de brincar inseridos em um contexto de Educação infantil**. Belo Horizonte. TCC (Especialização em Ed. Infantil). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SAYÃO, Débora Thomé. **Cabeças e corpos, adultos e crianças: cadê o movimento e quem separou tudo isto?** **Revista Eletrônica de Educação/UFSCAR**, São Carlos, v.2, n.2, p. 92-105, nov. 2008. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/20/20> Acesso em: 01 de Setembro de 2015.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade, Porto Alegre, V.20, p. 71-99. Julh/Dez 1995.

VIANNA, Claudia. **Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar**. In: AQUINO, Julio Groppa (org.).Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p. 119 – 129.